



## **TURISMO RELIGIOSO: FÉ, CONSUMO E MERCADO**

RELIGIOUS TOURISM: FAITH, CONSUMPTION AND MARKET

*Por:*

**Cristiane Menezes Ribeiro**

*E-Revista Facitec, v.5, n.1, Art.6, ago-dez 2010.*

[http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com\\_content&task=view&id=9&Itemid=2](http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2)

---

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial.

Em caso de dúvidas, consulte a redação: [revistafacitec@facitec.br](mailto:revistafacitec@facitec.br).

A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em Janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site [www.facitec.br/erevista](http://www.facitec.br/erevista).

---



## **TURISMO RELIGIOSO: FÉ, CONSUMO E MERCADO**

RELIGIOUS TOURISM: FAITH, CONSUMPTION AND MARKET

### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é investigar as características do turismo religioso tomando como ponto de referência a romaria à cidade de Bom Jesus da Lapa, no Estado da Bahia. O presente artigo analisa as características do turismo de modo geral, apresentando os conceitos formulados pelos estudiosos do tema com ênfase para a movimentação turística de caráter religioso, apontando suas especificidades. Uma vez que a romaria a Bom Jesus da Lapa foi tomada como foco de atenção maior, apresenta-se, também, um histórico da cidade e das origens do movimento religioso que transformou o local na segundo maior santuário do país e destino de milhares de romeiros que se dirigem à cidade principalmente no período da festa, em meados do ano. A partir daí, é possível traçar paralelos entre esta e outras romarias no país, evidenciando-se a semelhança entre os propósitos e objetivos dos romeiros e outros visitantes que para elas se dirigem. Os dados relativos à participação dos romeiros tiveram como base o acompanhamento de um grupo que há 31 anos faz o percurso de Ituberá (BA) à Lapa, o que permitiu à pesquisadora observar tanto comportamento dos romeiros - do grupo e os demais - bem como as dificuldades que encontram na cidade, cuja infraestrutura precária torna-se um problema a mais para os que se dirigem, por motivos de crença religiosa ou simples visita, à cidade.

**Palavras-chave:** Turismo. Turismo religioso. Romaria.

### **ABSTRACT**

The aim of this study is to investigate the characteristics of religious tourism taking as reference point the pilgrimage to Bom Jesus da Lapa in Bahia State. This article analyzes the characteristics of tourism in general, introducing the concepts formulated by the scholars of the subject with emphasis on the religious character of tourist movement, indicating their specificities. Since the pilgrimage to Bom Jesus da Lapa was taken as the focus of increased attention, it presents also a historical of the city and the origins of the religious movement that transformed the place in the second largest sanctuary in the country and destination of thousands of pilgrims that go to the city especially during the feast in midyear. From there, one can draw parallels between this and other festivals in the country, demonstrating the similarity between the aims and objectives of the pilgrims and other visitors who are directed to them. Data on participation of the pilgrims were based on the monitoring of a group that for 31 years travels from Ituberá (BA) to Lapa, which allowed the researcher to observe both the behavior of the pilgrims - the group and others - as well as difficulties encountered in the city,

**Keywords:** whose poor infrastructure becomes an additional problem for those who go for reasons of religious belief or simply visit the city.



## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar as especificidades do turismo religioso<sup>1</sup> bem como a relação existente entre esta manifestação turística, caracterizada pela fé, e aspectos ligados à estrutura do turismo, entre os quais o consumo e o mercado que dele se alimenta. O estudo toma como foco principal a romaria à cidade de Bom Jesus da Lapa, no Estado da Bahia, a partir da qual pode-se estabelecer paralelos com o movimento de romeiros a outros locais de peregrinação no país. Com este propósito, o acompanhamento de um grupo de romeiros que há 31 anos faz o percurso de Ituberá, também na Bahia, a Bom Jesus da Lapa serviu como base para os dados que nortearam este estudo, permitindo a observação tanto do aspecto religioso, que motivava os romeiros, como outros ligados mais intimamente à estrutura do turismo, embora estes se mostrem pouco condizentes com o verdadeiro espírito do movimento. A propósito, permito-me abrir, aqui, espaço para justificar<sup>2</sup> minha afinidade, minha curiosidade e paixão por essa cidade.

O meu interesse por essa cidade começou quando eu era criança. Não recordo exatamente a idade, mas lembro do evento. Numa manhã linda - depois de uma madrugada de muita chuva, vento soprando frio, borboletas voando de um lado para o outro, dava para sentir o cheiro da

---

<sup>1</sup> No Brasil, a obrigatoriedade histórica de uma religião oficial durante a colônia até o fim do império foi o fator primordial para manutenção dos valores católicos em toda extensão do território brasileiro. Em países de formação religiosa católica, a dinâmica que caracterizou a sua formação tem características que os fizeram diferentes entre si, apesar de terem as origens comuns na Igreja Católica Apostólica Romana. Essas diferenças foram construídas inicialmente a partir da instalação de Ordens Religiosas (Salesianos, Franciscanos, Beneditinos, entre outras), que fizeram sedimentar este ou aquele aspecto da religiosidade local ou regional, os quais com o passar dos anos e séculos, tornaram-se características culturais das comunidades. O turismo religioso, portanto é uma das modalidades do turismo brasileiro que mais tem se desenvolvido devido a vários fatores, dentre os quais pode-se citar: a formação histórica do povo brasileiro, ligada diretamente à Igreja Católica, e a diversidade de organizações religiosas católicas que se estabeleceram no país nestes 500 anos. Nas principais cidades históricas do Brasil, os principais atrativos são as igrejas construídas em diversas épocas da colônia e do império, construções que estão ligadas à história da população local em cada cidade (Cf. <http://br.geocities.com/geoturuff/turismoreligioso.html>)

<sup>2</sup> Em alguns momentos nesse trabalho, em que pese seu caráter acadêmico, uso a primeira pessoa, tanto por afinidade ao objeto do trabalho como pelo fato de ele ser parte de minha história de vida.



terra molhada - estava a rabiscar o chão com um graveto e uma menina da minha rua chegou até mim e disse que estava muito feliz porque ia viajar com a mãe. Perguntei para onde ia. Respondeu que ia para a romaria da Lapa. Eu, sem saber o que era aquilo, perguntei do que se tratava. Ela respondeu, com muita empolgação, que era uma cidade linda, que tinha muitos bonecos, bonecos de todos os tipos, cada um mais belo que o outro e que eram vendidos à beira das calçadas, sobre panos que forravam o chão, tinham também muitas lembranças da cidade e iam muitas pessoas, de todos os lugares, de todas as idades.

Perguntei o que ela ia fazer. Disse-me que ia pagar uma promessa. Ela sugeriu que eu fosse lá... um dia. Fiquei muito entusiasmada para saber sobre esse lugar e as pessoas que lá viviam. Inúmeras perguntas povoaram minha mente, tais como: o que essas pessoas vão fazer lá? Onde elas ficam? Será que vão somente para isso mesmo? Saem de suas casas, viajam horas somente para pagar uma promessa?

Mas eu era criança. Como iria sem a permissão de meus pais? Cogitei em fugir. Logo mudei de idéia, fugir...não, eu não ia fugir. Quando crescer, irei lá. Então cresci. E hoje fazem 10 anos que fui a Bom Jesus da Lapa. Minha permanência foi de exatos seis meses.

Eu tinha 17 anos. No primeiro dia de romaria, meu Deus que loucura! Lembro-me de que havia muitas pessoas, nunca tinha visto tantas pessoas num único local como naquele dia, rezando, cantando rumo à Gruta do Bom Jesus. Você não anda você é totalmente arrastado. Na verdade queria ver aquelas pessoas, quem eram aquelas pessoas, aqueles romeiros. Não via nada, somente braços e ouvia o clamor, adoração, daqueles romeiros através de sons que eram cantos e rezas. E sentia o calor escaldante sobre mim e o cheiro forte de suor.

Por fim, se realmente queria ver, não seria daquela forma. A pessoa que estava comigo achou uma saída: subir na carroceria de um automóvel, parado ao lado de uma calçada.



Quando subi, percebi a dimensão da quantidade de romeiros, rumo à Gruta. Pessoas com semblantes cansados, cansados da vida, do sofrimento, à espera que algo novo acontecesse em suas vidas e que, a partir daquele momento, pudessem escrever uma história diferente de tudo que haviam vivido até aquele momento.

Eles andavam em completa sintonia de passos, seus passos eram calculados, uma rima. Também pessoas cantavam e choravam, algumas tinha em suas mãos um ramo de flores e, naquele momento, o que menos importava era o empurra-empurra. Fiquei por horas. Já era quase fim de noite, e aquela multidão não terminava.

Resolvi ir à Gruta no dia seguinte, num horário mais tranquilo. Chegando lá me deparei com um cenário que me confundiu. Eram tantas as imagens de cabeças, pernas, muletas, crânios, velas, flores. O que era aquilo, um altar? De que material era feito? Mas o que é isso? Seria uma igreja? A entrada de um terreiro de macumba ou um cenário de filme de terror? Fiquei estarecida! Tentando analisar, digerir aquela imagem. O que será que tem à frente? Tive medo, muito medo. Só tinha uma certeza naquele momento: não daria sequer um passo à frente, até entender o que era aquilo.

Depois de explicado, mas ainda não aceito, segui em frente. Quando pensei ter acabado encontrei uma sala, mais horrenda do que o altar que havia deixado para trás. Era o que chamam de sala dos milagres. Estava trancada, e havia aquelas esculturas até o teto.

Se o que eu havia deixado para trás era horrível, tenebroso, confuso, o que estava a minha frente não tinha explicação.

Totalmente fora de minha realidade<sup>3</sup>. Lembro-me que fiquei segura às grades daquele lugar, e quanto mais eu via, menos eu entendia. Olhei minuciosamente os detalhes daquelas esculturas, tudo muito perfeito. Os

---

aqui Carlos Alberto Steil, professor-adjunto de Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tem se dedicado ao estudo da religião, com ênfase em peregrinações e turismo religioso, e da antropologia política. Entre suas produções destaca-se *O sertão das romarias. Um estudo antropológico da Romaria de Bom Jesus da Lapa, Ba* (1996, Prêmio Sílvio Romero.)



crânios! Fiquei a pensar o que fez aquela pessoa deixar um crânio. E a que deixou o braço, será que ele estava quebrado e para se livrar daquilo ela o deixou lá? E a perna, será que estava quebrada também? E aquelas bonecas, será que representam um filho ou uma filha que uma mãe teve através de um milagre? O lugar já estava pequeno, havia até ex-votos pendurados no teto. Como seria aquele lugar à noite?

No dia seguinte, subi à Gruta, fui até o Cruzeiro. Existia até uma piada. As pessoas falavam que o prefeito havia mandado tirar o Cruzeiro de lá, o Cruzeiro era uma cruz de madeira que fica ao topo da Gruta. E sempre questionávamos o porquê. A resposta vinha ligeira, era porque tinha mudado para o Cruzado, isso quando houve a troca da nossa moeda, de cruzeiro para cruzado, por volta do ano de 1993. Bem, as pessoas fazem piada de tudo. A subida ao Cruzeiro é trabalhosa, cheia de cautela, cheia de pedras, pedras soltas e muito pó. Sol muito forte e nenhuma gota de água pelo caminho. Fizemos várias paradas até chegarmos ao destino final. Cansativa a subida, mas gratificante quando chegamos lá, nem dá vontade de voltar. Tem-se uma visão magnífica do lugar, realmente deslumbrante, vale por si só. Perfeito.

Esse relato, de caráter fortemente subjetivo e pessoal, não apaga a necessidade de fundamentar este estudo em conceitos operacionais do turismo. Apesar da relação afetiva com o objeto de pesquisa, nada impede o uso dos instrumentos científicos e acadêmicos para a análise do objeto e de suas nuances.

Com efeito, a avaliação e o exame do objeto de estudo seguem a linha metodológica e teórica do turismo religioso. Nos capítulos seguintes tanto o objeto quanto o apoio teórico-metodológico do turismo serão mais apresentados e discutidos.



### Turismo e Religião

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), turismo é um deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias motivado por razões não-econômicas (*apud* CARVALHO; VASCONCELLOS, 2006, p.8).

Conforme Balderramas (2000, *apud* CARVALHO; VASCONCELOS, 2006), o turismo é um fenômeno social que consiste no envolvimento dos indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente, por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual e, por conta dessa ação, geram múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural para o destino.

O turismo, como atividade moderna, nasceu na primeira metade do século XIX mas, em seus traços fundamentais, podemos encontrá-lo desde a antiga Grécia, passando pelo domínio romano e durante a Idade Média (DIAS e AGUIAR, 2002; YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002), o que leva muitos autores a considerar que o turismo não é um fenômeno recente e “a novidade reside na sua extensão, multiplicidade de viagens e lugar que ocupa na vida das pessoas” (RUSCHMANN, 2002, p.73).

Em função do aumento do tempo livre<sup>4</sup>, o turismo vem ocupando um importante papel na sociedade, tornando-se gradativamente uma necessidade e incorporando-se como um direito na vida das pessoas, fato este reconhecido, entre outros documentos, pela Declaração de Manila sobre o Turismo Mundial, de 1980, que proclama:

o direito ao uso do tempo livre e especialmente o direito de acesso às férias e liberdade de viagens e turismo como consequência natural do direito ao trabalho, estão reconhecidos por pertencerem ao desenvolvimento da mesma personalidade humana, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, assim como acolhidos na legislação de muitos estados. Implicam, para a sociedade, o

---

<sup>4</sup> É bem discutível a opinião de que houve um aumento do tempo livre para as sociedades humanas. As férias existem, é bem verdade. Mas, no geral, o tempo livre e seu uso de modo criativo e lúdico – e não apenas de modo comercial – dependem das condições de educação e formação cultural e de recursos financeiros. Para uma melhor discussão desse assunto, veja-se o estudo de Domenico de Masi, *O ócio criativo*. Mas, além disso, o mundo industrial produz muito trabalho e ocupação.

## **Turismo religioso: fé, consumo e mercado**

*Cristiane Menezes Ribeiro*



dever de criar, para o conjunto dos cidadãos, as melhores condições práticas de acesso efetivo e sem discriminação a este tipo de atividade. Tal esforço deve conceber-se em harmonia com as prioridades, instituições e tradições de cada país.

O turismo abrange as viagens realizadas por motivos religiosos pois, não importando a motivação, os viajantes fazem uso dos mesmos equipamentos, transportes e são gerados produtos e serviços para atender a suas expectativas.

O desenvolvimento de práticas religiosas é um importante fator na determinação de locais com potencial turístico. O Brasil, onde a fé católica é predominante, tem um número bastante significativo de locais religiosos que atraem viajantes de todo tipo: peregrinos, romeiros, pessoas atraídas pela cultura do espaço religioso. Na maioria das localidades onde existem santuários ou ocorrem manifestações religiosas a infraestrutura para receber os visitantes ainda é precária, muitas vezes devido à pouca compreensão do potencial econômico da visita periódica.

De acordo com Andrade (2000, p.77) denomina-se turismo religioso o: "conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e realização de visitas a receptivos que expressem sentimentos místicos ou suscitem fé, esperança e caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões."

Outra definição é dada pelo dicionário de turismo de Montaner, Antiach e Arcarons (1998, p.380) para quem o turismo religioso é a:

atividade turística que consiste em realizar viagens (peregrinações) ou estadas em lugares religiosos (retiros espirituais, atividades culturais e liturgias religiosas, etc.), que, para os praticantes de uma religião determinada, supõe um fervor religioso por serem lugares sagrados de veneração ou preceituais segundo sua crença.

Turismo religioso é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas ou para participação em eventos de caráter religioso. Compreendem romarias, peregrinações e visitações a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.



Segundo Dias (2003, p.17),

o turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressão cultural de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região. Mas também se deve ter em conta que as motivações não são exclusivamente culturais, já que, para falar de turismo religioso, devem estar presentes também as motivações religiosas.

O turismo religioso é motivado, em maior ou menor grau, pelo aspecto religioso, embora o atrativo turístico-religioso possa adotar diferentes formas, sempre atendendo as necessidades daqueles que buscam o contato com o divino (id. ibid.)

### Peregrinação e Turismo

Peregrinação é uma viagem a um lugar sagrado, uma das mais antigas formas de viajar, e apresenta, segundo Montejano (1999, p.77), “dimensões espirituais interrelacionadas com as raízes comuns da consciência coletiva da maior parte das sociedades.”

Os limites entre peregrinação e turismo não são muito claros. No que diz respeito ao turismo, autores como Vukonic (1996) identificam a peregrinação com o conceito de turismo religioso, baseando-se no fato de que o comportamento de peregrinos e de turistas é semelhante tanto durante a viagem como durante a permanência no destino.

Apesar das semelhanças, uma característica singular da peregrinação é o fato de que é uma atividade que pode ser grupal ou individual. No Brasil, o termo romaria está mais relacionado ao caráter coletivo da viagem, sendo o romeiro o membro da comunidade que faz a jornada religiosa comum.

De acordo Dias, (2003, p.22)

a palavra peregrino tem sido mais associada à experiência individual vivida pelo que faz a jornada. Para o peregrino, o deslocamento ao santuário ocorre devido a sua espiritualidade, vai



à busca de um aperfeiçoamento, cumprir votos feitos anteriormente, pagar uma promessa, agradecer uma benção, o reconhecimento de uma graça recebida, a participação em uma festa religiosa importante, entre outras. O peregrino (o romeiro) não se sente como um turista e, embora utilize as instalações turísticas, na realidade não apresenta o mesmo comportamento.

No entanto, MacCannell (1973) explora as relações entre turismo e peregrinação procurando mostrar que a peregrinação não só é um antecedente do turismo, mas o turismo é uma forma atual de peregrinação. As peregrinações atuais se parecem cada vez mais com a atividade turística de modo geral, pois empregam os mesmos meios de transporte e hospedagem e a mesma infraestrutura que qualquer tipo de viagem. Outro autor, Burns (2002), baseando-se em autores como MacCannell (1976) e Nash (1981), argumenta na mesma direção. Sustenta que o turismo pode ser interpretado como uma forma de peregrinação “no sentido de que apresenta estágios ou características similares isto é, uma jornada ritualística, do estado comum para o espacialmente separado e fora do comum, por determinado período” (BURNS, 2002, p.121).

De fato, na atualidade, os peregrinos tendem a viajar em grupos organizados, em determinados dias do ano, segundo um calendário predeterminado ou durante os períodos de fins de semana (prolongados ou não) e férias. Em função dessa atividade, vai surgindo uma série de infraestruturas ao redor dos santuários ou nas localidades onde ocorrem os eventos motivadores das jornadas, assim como agências de viagem especializadas na organização de itinerários de peregrinação. Enfim, um conjunto de atividades utilizadas também por outros segmentos do turismo, embora tenham surgido motivadas pela jornada a um destino religioso.

Os santuários, de modo geral, são patrimônio cultural e, como tal, susceptíveis de serem transformados em recursos. Dessa forma, pode-se fazer uso turístico dos espaços religiosos, forma de turismo incluída na categoria de turismo religioso, embora sua motivação principal não seja



do tipo religioso: vai de uma linha continua que se estende da peregrinação, propriamente dita como atividade exclusivamente religiosa, até os limites das atividades englobadas no conceito de turismo cultural.

### O papel do lazer e do tempo livre na expansão do Turismo Religioso

Deve o turismo religioso ser considerado atividade de lazer? Ao se falar de turismo religioso, que, de uma forma bem específica, é associado à peregrinação, pode-se ter dúvidas. Tempo livre é aquele tempo restante após as horas trabalhadas, não só períodos obrigatórios destinados à satisfação das necessidades básicas, como, também, a sociabilidade com amigos, família, o desfrute cívico e os afetos religiosos.

A peregrinação realizada por motivos religiosos, caracterizando a jornada na qual os viajantes tomam parte nos cultos, ou se envolvem em outras demonstrações de fé (orações, celebrações, existência de um conjunto de práticas devocionais), estão convictos de que observam uma obrigação religiosa e a realizam dentro de uma autodisciplina rigorosa. O lazer envolve uma extensa liberdade de escolha (administrada de acordo com as aspirações individuais, estilos de vida, criatividade, entre outras.) e uma grande opção de modalidades e nuances de práticas que surgem das múltiplas motivações que o indivíduo tem. A liberdade de escolha repousa numa concreta ocupação do tempo de lazer. A obrigação religiosa é decorrência de livre escolha anterior, quando se optou por uma determinada crença. A ocupação do tempo de lazer foi escolhida livremente pelo indivíduo pois, ao escolher a religião, escolheu o uso que faria de seu tempo livre.

Segundo Andrade (2000, p.78),

embora não se conheçam dúvidas a respeito da classificação dos subtipos do turismo religioso, deve-se observar que inexiste religião em cujos mandamentos haja referências a viagens compulsórias por motivos religiosos, místicos ou penitenciais. Nem mesmo os muçulmanos, que, pelo menos uma vez na vida, devem visitar Meca, interpretam a obrigação religiosa como coativa ou



compulsiva: julgam-na prudente conselho, muito sábio e digno de ser cumprido.

Pode-se considerar, então, que a maioria das atividades de peregrinação está estruturada no tempo de lazer e pode ser considerada experiência de lazer. Um aspecto importante dos eventos de natureza religiosa é a capacidade de envolver várias dimensões, entre as quais: espiritual, social, familiar, recreacional e até ambiental, que podem complementar uma a outra.

Em particular, no Brasil, muitos eventos religiosos envolvem práticas profanas associadas: diversões, brincadeiras, disputas, jogos e outras atividades relacionadas com recreação, o que facilita a sociabilidade entre os participantes. Os eventos religiosos, dessa forma, podem ser um pretexto para um acontecimento social no qual profano e o sagrado caminham juntos. Os fins de semana (prolongados ou não) e os períodos de férias são os momentos mais utilizados para todo tipo de lazer, nos quais a prática religiosa, em geral, e o turismo religioso desempenham um importante papel para muitas pessoas, pois o componente religioso torna-se cada vez mais essencial para o desenvolvimento de sua personalidade, e não pode tornar-se antagônico ao tempo de lazer. Pode-se entender que há uma evolução das práticas de lazer envolvendo padrões sociais e culturais, incluindo aspectos qualitativos e quantitativos.

Segundo Vukonic (1996, p.8), há uma tendência de se transferir a vida espiritual para os períodos de tempo livre, que, conseqüentemente, tornam-se "um espaço para contemplação e criação, uma unidade de pensamento e ação."

Dessa forma, o lazer deverá ser compreendido cada vez mais como um fator vital para o bem-estar das pessoas, não podendo ser diminuído e ficar restrito somente a seus elementos físicos e intelectuais, esquecendo-se a dimensão espiritual, fator e valor permanente para grande parte da



humanidade. O lazer, nessa ótica, deve compreender o bem-estar - físico, intelectual e espiritual - dos indivíduos.

### Os atrativos Turístico-Religiosos

A noção de turismo religioso se desenvolve a partir da compreensão das motivações turísticas. A diferença entre esta forma de turismo, em comparação com outras, se encontra na motivação religiosa que é a razão do deslocamento. Pode-se estabelecer um critério relacionado à área de destino, onde predominam os elementos de natureza religiosa.

Um exemplo deste tipo de área são os santuários de peregrinação, conceituados como lugares, templos ou edifícios consagrados por uma religião. Nestes locais, podemos encontrar o "peregrino puro", cuja motivação é de natureza unicamente religiosa. Outro tipo de visitante é o que toma parte em cultos e celebrações religiosas, que podem incluir visitas a outros lugares turísticos relevantes, religiosos ou não, em um tipo de jornada que se pode classificar como multifuncional. Quanto ao que acontece num santuário, quando de sua visita, pode-se extrapolar o aspecto da multifuncionalidade como sendo um fenômeno comum a outros atrativos turístico-religiosos.

Durante as festas religiosas em Bom Jesus da Lapa, o fluxo turístico é gerado tanto por questões religiosas como por outras razões, especialmente no caso daquelas que apresentam significado histórico e cultural relevante e são, muitas vezes, associadas a programas com eventos não-religiosos.

Considerando a área de destino, objetivo final da viagem, motivação e outro dos principais pontos a serem considerados, pode-se fazer algumas distinções básicas entre os atrativos turísticos- religiosos, classificando-os em seis diferentes tipos:

#### 1 Santuários de peregrinação;



- 2 Espaços religiosos de grande significado histórico-cultural;
- 3 Encontros e celebrações de caráter religioso;
- 4 Festas e comemorações em dias específicos;
- 5 Espetáculos artísticos de cunho religioso;
- 6 Roteiros de fé.

O primeiro tipo, relacionado aos santuários de peregrinação, pode apresentar várias características: pode adotar algum tipo de restrição; ou suas características histórico-culturais podem apresentar tanto força motivacional como valores espirituais; ou há aqueles que apresentam, de vez em quando, em datas especiais, manifestações de massa significativas.

A Basílica de Aparecida (SP) é o maior santuário religioso do país: sete milhões de visitantes por ano. Atualmente, 90% da população economicamente ativa do município trabalham em atividades ligadas ao turismo e, nos finais de semana, a população da cidade, de 35 mil habitantes, mais que dobra. São 123 hotéis com 18 mil leitos (DIAS, 2003).

Na Cidade de Onda Verde (SP) foi construído um santuário para abrigar a imagem de Bom Jesus dos Castores, que recebe peregrinos há 96 anos. Calcula-se em torno de 30 mil o número de romeiros que visitam o local anualmente.

A cidade de Bom Jesus da Lapa concentra a segunda maior festa religiosa católica do Brasil, no mês de agosto, conhecida como a procissão ou romaria do Bom Jesus, que atrai milhares de fiéis todos os anos. O diferencial entre Bom Jesus da Lapa e as outras cidades da região é o morro e suas grutas, que lhe conferem um clima místico e diferenciado.

Um segundo tipo é o que pode ser considerado como atrações turístico-religiosas. É o turismo realizado em espaços religiosos de grande significado histórico-cultural, porque são obras artísticas e construções cujo valor histórico e importância cultural, atraem um amplo número de visitantes, independentemente de suas crenças ou engajamentos



religiosos. Tem-se, como exemplos, as igrejas de estilo barroco, em Minas Gerais.

O convento Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha (ES), teve sua construção iniciada no século XVI e, por sua importância na história do Espírito Santo e do município, teve todo seu entorno integrado ao Sítio Histórico de Vila Velha. Seu interior abriga um conjunto de obras artístico-religiosas reunidas no Museu do Convento da Penha, que apresenta objetos, vestimentas e artefatos utilizados pelos primeiros frades. Na segunda-feira após o Domingo de Páscoa, fiéis de todo o país se dirigem ao convento em homenagem à santa. Na noite de sábado, antes do dia de Nossa Senhora da Penha, tem lugar a procissão dos homens, que começa na Catedral de Vitória e vai até o Convento<sup>5</sup>.

O terceiro tipo são os encontros e celebrações de caráter religioso que têm por objetivo organizar e definir diretrizes, doutrinação, reafirmação da fé, etc. e podem reunir multidões em espaços públicos, estádios de futebol e assim por diante. São exemplos os encontros dos carismáticos da Igreja Católica, os de membros das igrejas evangélicas em estádios de futebol e espaços públicos, etc.

O quarto tipo são as festas e comemorações em dias específicos dedicados a figuras sagradas e/ou reverenciadas na religião, ou podem ser lembrados eventos histórico-religiosos, desde procissões a outros tipos de atos de veneração, festas periódicas previstas no calendário litúrgico ou manifestações de devoção popular. Pode-se utilizar uma caracterização esboçada por Moura (2001, p.38) “das festas populares brasileiras, começando por seus componentes estruturais”.

Nesse sentido, teremos as festas<sup>6</sup>:

a) religiosas: ministradas por sacerdotes ou pessoas autorizadas pela igreja, como missa, procissão, bênção, novena e reza; e

---

<sup>5</sup> Informações obtidas do folheto de divulgação da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Vila Velha – Departamento de Turismo: *Convento de Nossa Senhora da Penha: uma história de fé*.

<sup>6</sup> Moura (2001, p.37) esclarece que cuidou “somente das festas devocionais do calendário católico com presença marcante na cultura brasileira.” Excluimos da caracterização do autor as festas profanas, por não atenderem aos propósitos deste texto.



b) profano-religiosas: ministradas por leigos com aprovação do sacerdote, homenageando figuras sacras, de modo alegre e festivo, entre estas estão: o levantamento de mastro, bailados como congados, Folia de Reis, Império do Divino, Reinado do Rosário, Pastorinhas.

Ainda segundo Moura (2001), muitas destas festas deveriam ser realizadas em dias determinados. O ciclo do Rosário, por exemplo, a rigor deveria ser na primeira semana de outubro, mas foi modificado de tal forma que, na região sudeste, ocorrem festas do Rosário de janeiro a dezembro. Muitas festas tiveram alteradas suas datas para permitir maior afluência de público, como a Festa do Divino, realizada em Diamantina e Serro (MG), transferida para julho, período de férias. A importância dessas festas religiosas para o turismo é realçada por Moura (2001, p.49) ao afirmar que:

a beleza das festas que celebram as vidas dos santos nem sempre conservam a autenticidade de suas origens devocionais, mas constituem-se num dos principais atrativos turísticos do Brasil, tanto nos grandes centros como nas cidades mais humildes (...) As festas, grande motor do turismo nacional, constituem, assim, um dos grandes patrimônios culturais de nosso país.

Na segunda quinta-feira depois do Dia de Reis (6 de janeiro), realiza-se em Salvador (BA) a lavagem do Bonfim, manifestação do sincretismo religioso que envolve figuras do candomblé e da religião católica e reúne perto de um milhão de pessoas a cada ano, que se deslocam da Igreja da Conceição da Praia até a igreja do Bonfim, um percurso de oito quilômetros. A lavagem das escadarias da igreja é considerada a segunda maior manifestação popular da Bahia, perdendo apenas para o Carnaval (VARÓN, 2003, p.F-11)

Um quinto tipo, os espetáculos artísticos de cunho religioso, são encenações artísticas de eventos e fatos marcantes da história religiosa e realizados periodicamente com a participação da população local fazendo o papel de atores.

A mais famosa encenação desse tipo é a da Paixão de Cristo, realizada na cidade-teatro de Nova Jerusalém, em Brejo da Madre de

## **Turismo religioso: fé, consumo e mercado**

*Cristiane Menezes Ribeiro*



Deus (PE), e considerado o maior espetáculo de teatro ao ar livre do mundo, com duração de duas horas e meia e a participação de 500 atores. Durante os oito dias de apresentação, 80 mil pessoas assistem à encenação em nove palcos que retratam a antiga cidade de Jerusalém (EMBRATUR, 2000).

O sexto e último tipo são os roteiros da fé, que se constituem em caminhadas de cunho espiritual, pré-organizadas num itinerário turístico-religioso.

A rota conhecida como Caminho da Fé tem 415 quilômetros de extensão e seu ponto inicial é Tambaú (SP). Ela atravessa o sul de Minas e termina em Aparecida (SP). Os peregrinos recebem um passaporte na partida, oficializado pela Igreja Católica com o nome de *mariana*, que deve ser carimbado em cada pousada do trajeto. Ao final, quem tiver os 24 carimbos do percurso receberá o certificado de peregrino no Santuário Nacional de Aparecida. As prefeituras da região vislumbram um aumento do turismo devido à criação do caminho (SANTAMARINA, 2002).

### Turismo, Religião e Mercado

Uma leitura do passado com os óculos do presente corre o risco de não dar atenção às diferenças entre as épocas e as práticas dos homens.

Um mito de origem do turismo é a colocação deste como uma prática imemorial, que se perde na origem dos deslocamentos humanos, no nomadismo. Faz parte da busca por legitimidade a construção dessa mitologia de origem, fazendo com que a sustentabilidade do argumento não repouse na crítica científica dos conceitos. Criam-se anacronismos como chamar documentos elaborados por monges ítalo-franceses do século XII, para organizar as peregrinações aos locais sagrados da cristandade, como guia turístico, ou, a carta de Pero Vaz de Caminha como o primeiro relato turístico da história.



Alguns autores falam em formas pré-modernas de viagem (URRY, 1990) acreditando que a origem e o desenvolvimento do turismo de massa estariam no fluxo de visitação às antigas estações de águas no interior da Inglaterra no século XVII. Seja como for, há autores que veem uma intensa rela o entre turismo e peregrina o. Será o turismo um sucedâneo da estrutura simbólica da peregrina o-romaria?

O catolicismo popular acredita na interven o dos santos, promessas e votos, privatizando a devo o (*meu santo Ant nio*). Os eventos e localidades produzidos são os santuários, para os quais correm turistas e peregrinos.

Para Steil (1998), o turismo religioso, circunscrito ao caso do Natal Luz<sup>7</sup>, seria uma estrutura secular na qual o turista coloca-se em termos externos   experiência religiosa vivida e pela qual os símbolos sagrados são resignificados pelo consumo e mercado. Nesse sentido, a diferencia o entre peregrina o, romaria e turismo diz respeito ao grau de externalidade dessas experiências.

O Natal Luz já seria outra estrutura de significado se comparada, por exemplo,   visita o de fiéis a um santuário tradicional. Há mercado, comércio, hospedagem, lazer, * * em ambos, mas não há a mesma estrutura de significantes/símbolos/significados.

O calendário católico   riquíssimo em festas, datas especiais e outros eventos tradicionais ou modernos. Mas será possível agrupá-los todos sob o mesmo nome de turismo religioso? Essa   uma questão que demanda reflexão e cuidadosa análise, e que, certamente, vai exigir uma pesquisa histórica, antropológica e econ mica de larga visão, tarefa que, pela exiguidade do tempo, não poderá ser levada a termo neste artigo.

Andrade (2000) define turismo religioso como um conjunto de atividades que, a partir das visitas a localidades religiosas, utilizando parcial ou totalmente determinados equipamentos, procura expressar

---

<sup>7</sup> O Natal Luz consiste em diversos eventos e ocorre nas cidades gaúchas de Gramado e Canela.



sentimentos místicos, como fé, esperança e caridade nos adeptos/simpatizantes de qualquer religião.

### Mercado

A partir da inauguração das rodovias federais e estaduais, o espaço sofre novo impacto. Em Aparecida, abre-se a época do deslocamento de massa (WERNET, 1992). Para Wernet (op. cit.), é uma espécie de marco de “secularização”: não há rezas de terço, leitura bíblica e tampouco profissão de fé pública. Inaugura-se o tempo do que se denomina “turismo religioso” (GONZALÉZ, 2001). Reflexão atraente, até mesmo porque o mercado/consumo tornou-se indissociável dos movimentos religiosos.

As massas de romeiros, de preferência sob o comando da Igreja, ultrapassam os limites. O que era mercado religioso somente por parte da Igreja perde espaço para as empresas de turismo e organizadores de excursão. As empresas de viagens vão oferecer o que era um bem religioso como um bem turístico (WERNET, 1992).

A cidade de Bom Jesus da Lapa confirma essa observação. Um fato interessante foi o mencionado na entrevista de Délia Sento Sé<sup>8</sup>:

uma coisa interessante e que eu não sabia era que os padres fazem uma reunião com os donos de rancharia, e eles é que estipulam o valor que o romeiro vai pagar pela cama. A cama sem lençol custa R\$ 8,00 a diária, e a cama com lençol custa R\$ 10,00. Isso é para aquele romeiro que vem exclusivamente pela fé, pela questão religiosa. Hoje a cidade da Lapa, recebe aqueles que vêm puramente pela questão religiosa, aqueles que vêm por curiosidade e aqueles que vêm somente para as festas e, se der, dão uma passadinha para ver o Bom Jesus.

As facilidades de acesso permitiram o deslocamento de romeiros para quaisquer dos santuários do país e a expansão das igrejas e seitas

---

<sup>8</sup> Autora do livro *Memórias*. Foi delegada do PMDB e fundadora em 1990 do PSDB. Secretária Municipal de Turismo, Cultura, Desporto e Lazer. Criou o Camelódromo, retirando as barracas e banca do meio das ruas, criou a 1ª Guarda Municipal. Foi vereadora, assessorou o Presidente da Câmara. Tornou de utilidade pública municipal e estadual todas as entidades ligadas aos movimentos culturais: Sociedade Organizadora Bom Jesus dos Navegantes – Associação Lapense de Capoeira, Lapa Tae-Kwon-Do Clube, Sociedade Filarmônica Euterpe Lapense, Associação dos Grupos Folclóricos Lapense, sendo esta fundada e presidida por ela durante vários anos. Fundou as Associações dos Produtores Rurais de Favelândia e Caraíbas. Professora, agente público na Escola de Primeiro Grau Wilson Lins, agente administrativo da Secretaria de Recursos Hídricos Saneamento e Habitação do Estado da Bahia -EMBASA.

## Turismo religioso: fé, consumo e mercado

Cristiane Menezes Ribeiro



acabou por quebrar o mercado religioso institucional da Igreja. Um exemplo é a chegada dos pentecostais, que se expandiram a ponto de alcançarem espaços fundamentalmente católicos como a cidade de Mariana, em Minas Gerais.

Os templos crescem nas periferias das cidades, abertos em fundos de casa, em garagens e em quintais, com nomes *sui generis*: Casa da Esperança de Israel, Porta da Salvação e assim sucessivamente. Segundo o discurso pentecostal, o espaço da cidade é imundo, precisa ser “exorcizado” de ações “idolátricas”.

O pentecostalismo surgiu nos EUA no início do século. Sua identidade está ancorada na ênfase nos aspectos emocionais e corporais, práticas de cura e outros dons ditos carismáticos, ortodoxia cristã, intenso proselitismo e a idéia de que o fiel é “tomado” pelo Espírito Santo (ROLIM, 1985). Por isso, chama-se Pentecostalismo, de Pentecostes, alusão à descida do Espírito Santo, segundo a Bíblia. Essa novidade gerou separações nas igrejas onde nasceu. Assim surgiram igrejas como Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, e outras. Em 1960, apareceram os carismáticos, que vieram harmonizar a existência com o aspecto institucional. Em 1980, apareceu um modo de pentecostalismo fundamentado no estudo das questões da prosperidade e do exorcismo, tendo como maior representante a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Independente da religião, há uma enorme gama de produtos vendidos e ampla área de consumo: produtos religiosos como imagens, fitas, terços, objetos “sagrados”, anéis, camisas com imagens ou frases bíblicas, CDs de música (gospel, instrumental-religiosa, *new age*); brinquedos, adesivos para livros, papéis coloridos de carta; decalques, numa imensa lista. O depoimento de um romeiro tradicional é esclarecedor:

aqui, em Aparecida, é como se agente tivesse na casa da mãe (...) gosto de levar coisas pros meus filho (...) outro dia, vendo a TV, vi o Pe. Marcelo. Chorei tanto. Depois, vim aqui dois meses de eu vê-



lo na TV e eu queria tanto comprar alguma lembrança dele e cheguei aqui a primeira coisa que fiz foi comprar um terço e esta camisa. Mas também gosto de comprar estas fitinhas. Já recebi muitas graças. Amarro, dou três troços e só sai de mim depois que gasta(...) Nossa Senhora é Mãe e protege os filhos dela (Dona de casa, cerca de 50 anos, moradora de Parati-RJ).

Com efeito, o consumo/mercado religioso não difere rigorosamente do consumo cultural. A fé do peregrino não se sustenta apenas com promessas e votos, mas também com o consumo. Como mencionado pelo Padre Casemiro,<sup>9</sup>

a fé gera negócio. Negócio é consumo. Negócio lícito e ilícito. Nós do Santuário em Bom Jesus da Lapa fornecemos fitas e adesivos aquelas pessoas que, ao invés de pedir, querem trabalhar. Fornecemos também um kit que compõe garrafa de quente-frio, café, chá e leite e uma ajuda de custo de R\$ 10,00 para eles comprarem materiais e vender o seu produto.

O turismo na cidade de Bom Jesus da Lapa ganha aspecto de uma máquina de consumo. Logo, o espaço (natural, histórico, cultural, sagrado) se torna mercadoria comercializável que vai da exploração imobiliária à destruição ambiental. Segundo Délia Sento Sé, os moradores de Bom Jesus da Lapa só pensam em ganhar dinheiro com a peregrinação religiosa. Montam barracas de bijuterias, improvisam hotelaria com rancharia e alimentação. Atente-se às palavras desse morador de Aparecida (São Paulo) e, em seguida, de outro habitante de São Thomé das Letras (Minas Gerais):

Olha, não gosto de tanto movimento não, fica pior nos dias de feriado! Isso aqui fica pior que formigueiro e a gente não pode sair e fazer as coisas com tranqüilidade (...) e os preços! Ficam pela hora da morte! Um pão, um leite... os comerciantes pegam, aproveitam e aumentam os preços de tudo! Só porque tem bastante gente visitando aqui!(X.,moradora,dona de casa,07/2001).

---

<sup>9</sup> O Padre Casimiro Zbigniew Malolepszy nasceu no dia 3 de setembro de 1961, na cidade de Elblag, norte da Polônia. Foi Reitor do Santuário de Bom Jesus da Lapa de 2002 até janeiro de 2008 e, atualmente, é administrador econômico do santuário. Desde que chegou à cidade, luta pelo seu desenvolvimento e progresso. Dentre suas benfeitorias pode-se citar a construção do estacionamento, implantação da coleta de lixo, deixando o entorno e a parte interna do santuário limpos e bem cuidados. Em 2006, pela primeira vez, o novenário e a festa do Bom Jesus foram transmitidos pela TV Aparecida, permitindo que cristãos de todo o Brasil apreciassem a beleza das comemorações que levam milhares de turistas visitarem a cidade.



Eu não gosto de falar muito, primeiro porque esses “gringos” vêm aqui e também ficam perguntando querendo que a gente fale. Só fico pensando que graça tem ficar ali parado naquelas pedras para ver se vem um tal de disco que voa, outros vêm vestidos todos de branco, ainda tem o consumo de drogas. Mas o pior é que aqui se faz tudo pelos que vêm de fora e pelos moradores mesmo nem se liga. (V., morador, aposentado, 20/07/2001).

Nesses trechos, os pontos de conflito podem ser mapeados: o choque dos conflitos de vida e padrões de consumo dos turistas e residentes, a especulação financeira e imobiliária, a alteração de hábitos da cidade, etc. (DIAS, 2003). Isso também ocorre em Bom Jesus da Lapa. As pessoas saem de suas casas ou se mudam para um único cômodo, retiram tudo e alugam como rancharia. Há aquelas residências que viram bares e restaurantes<sup>10</sup>. O que não falta é lugar para comer e beber. As grades das casas se tornam um verdadeiro local de exposição do cardápio. Cheguei a me questionar sobre a qualidade dessa comida. Por curiosidade me dei o direito de experimentar uma dessas marmitas. Visitei a cozinha de alguns lugares e vou ser muito franca: não perde nada para os restaurantes.

Segundo o ponto de vista de Ispedito Nunes, jornalista e proprietário, desde 1997, do jornal *Gazeta da Lapa*, cujo objetivo único e exclusivo é a linha editorial promocional de Bom Jesus da Lapa, vinculada com o turismo,

existe muito na Lapa aquelas pessoas que vêm para o final de semana, que não se hospedam em hotéis, nem rancharias, acabam ficando à beira do rio São Francisco, pescando seu peixe. Observam o movimento, gostam e decidem comprar imóveis aqui para o comércio e acabam ficando. E é muito bom isso, pois eles fazem a diferença.

E possível até mencionar a subclassificação do turismo religioso: o turismo esotérico, que atrai os conhecedores dos princípios religiosos do que passou a se chamar de Nova Era, que é visto com frequência em

---

<sup>10</sup> Essa improvisação é mais evidente, principalmente no período do dia 1 a 6 de agosto, última semana da festa de Bom Jesus da Lapa porque a permanência dos romeiros e turistas é mais prolongada, em geral de um a três dias. Isso é consequência natural da falta de estrutura da cidade, que se ressentiu de planejamento turístico para a romaria.



idades como Ayuruoca e São Thomé das Letras. Entretanto, pode-se concordar com Steil (1998) quando este aponta que o objetivo autodeclarado da viagem não é um elemento decisivo na distinção entre turistas e peregrinos. Nova Trento tornou-se cidade importante de atração/visitação quando Madre Paulina foi canonizada pela Igreja Católica, chegando a receber, entre devotos, visitantes e outros, um fluxo mensal de 4 mil pessoas. Mesmo a canonização passa a ser palco de *shows* e luzes, trazendo às cidades onde os "santos/santas" viveram uma população diferente de visitantes (peregrinos, turistas, turistas-peregrinos, romeiros) quase nunca conhecedores da fé que professam. Em Bom Jesus da Lapa, junto ao que reza sempre vem o que compra e fotografa, ou seja, reza-se, compra-se e fotografa-se. Religião, turismo e mercado encontram-se em Bom Jesus da Lapa, em Aparecida e em outros santuários.

### Mito, História e Fundação de Bom Jesus da Lapa

E impossível falar de Bom Jesus da Lapa, sem falar de Francisco Mendonça Mar. Em busca dessa história, encontra-se alguns livros interessantes, mas é importante mencionar, especificamente, o livro *O primeiro peregrino da Lapa, Francisco de Mendonça Mar*, escrito pelo Padre Francisco Micek, CSsR.

Francisco de Mendonça Mar nasceu em Lisboa, Portugal, em 1657, e foi batizado na catedral da cidade. Filho de ourives, bom profissional e trabalhador, Francisco pôde frequentar a escola, privilégio, naquela época, somente concedido aos filhos dos mais ricos da sociedade. De família religiosa, educado pelos pais na fé católica, Francisco frequentava assiduamente as igrejas da sua cidade. Junto com seus pais e irmãos, fazia romarias ao belíssimo Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, onde, além da imagem do Bom Jesus Crucificado, o povo venerava Nossa Senhora, sob o nome de Mãe da Soledade. Com 22 anos de idade, Francisco, um jovem de inquietudes e iniciativas, deixou a família e a



pátria e foi para o Brasil que, na época, 1679, atraía muitos jovens portugueses que buscavam grandes oportunidades para progredir e enriquecer.

Aos 31 anos de idade, em 1688, foi contratado pelo governador-geral do Brasil, na Bahia, para pintar o Palácio da Aclamação, então sede do governo. Após os trabalhos, não recebeu a remuneração e foi jogado na prisão com seu escravo e ainda açoitado. Rezando e pedindo a Deus sua liberdade, Francisco escutava no seu íntimo uma voz misteriosa que dizia: *"não ajunte riquezas aqui na terra, onde a traça e a ferrugem corroem, onde os ladrões assaltam e roubam, mas ajunte riquezas no céu"* (MT 6,19-21). *"Busque o Calvário na Gruta... Busque o Calvário na Gruta..."* É claro que essa história contém elementos de caráter factual, mas também de cunho mitológico e mesmo místico. Elementos que, se bem explorados, podem até contribuir para aumentar a tradição e o fascínio das narrativas sobre a romaria, proporcionando-lhe, também, valor turístico. Assim, segundo se conta, decidiu, após ser libertado, deixar a cidade do Salvador, levando consigo as imagens de Jesus Crucificado e de Nossa Senhora da Soledade. Em 1691, quando Francisco de Mendonça Mar chegou à Lapa, o morro e suas grutas eram habitados pelos índios da região, que a chamavam de *Itaberaba*, que significa "pedra resplandecente."

A gruta, onde se escondiam onças, cobras e outros animais selvagens, foi transformada em lugar de oração e culto. No período dos garimpos de ouro<sup>11</sup>, em Minas Gerais, o rio São Francisco era o único caminho de acesso das rotas dos mineradores no interior do Brasil.

---

<sup>11</sup>No século XVIII, após a descoberta das primeiras minas de ouro, o rei de [Portugal](#) tratou de organizar sua extração. Interessado nesta nova fonte de lucros, já que o comércio de açúcar passava por uma fase de declínio, ele começou a cobrar o quinto, um imposto arrecadado pela coroa portuguesa e que correspondia a 20% de todo ouro encontrado na colônia. Este imposto era cobrado nas Casas de Fundição. A descoberta de ouro e o início da exploração da minas nas regiões auríferas (Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás) provocaram uma verdadeira "corrida do ouro" para estas regiões. Procurando trabalho, desempregados de vários recantos do país partiram em busca do sonho de ficar rico da noite para o dia. Muitos desses garimpeiros eram assassinos e exterminadores de índios e de matas nativas.



Sendo assim, aumentou o movimento de embarcações de aventureiros e de catadores de ouro. Eles subiam o rio e encontravam o morro que surgia das águas e faziam um pouso na Lapa. Ao visitar a gruta encontravam o monge Francisco de Mendonça Mar, que os acolhia calorosamente e lhes mostrava as imagens do Bom Jesus e de Nossa Senhora. Os garimpeiros e os conquistadores foram os primeiros a espalhar a fama do Santuário do Bom Jesus em muitos lugares e para muitas pessoas.

### A cidade de Bom Jesus da Lapa

A cidade está situada no Estado da Bahia, mesorregião<sup>12</sup> do vale são-franciscano da Bahia, na margem direita do rio São Francisco<sup>13</sup>. Limita-se ao norte com a cidade de Sítio do Mato; ao sul com Serra do Ramalho; a oeste com Santa Maria da Vitória e a leste com o rio Corrente. Tornou-se município em 1953 e tem como lema: “a capital baiana da fé e da fruta<sup>14</sup>: quem chega a estas paragens jamais a esquece.” Tem uma área de 3.951,425 [km<sup>2</sup>](#), com uma população, no ano de 2008, de 65.148 habitantes, densidade de 16 habitantes/[km<sup>2</sup>](#), altitude 483,82 metros, PIB R\$ 215.029 mil, segundo dados do IBGE. Suas atividades econômicas estão baseadas na agricultura, na pesca e no turismo.

---

<sup>12</sup> A mesorregião do vale são-franciscano da Bahia é uma das sete [mesorregiões](#) do estado. É formada pela união de 27 [municípios](#) agrupados em quatro [microrregiões](#). Nessa região localiza-se boa parte do curso do [rio São Francisco](#) e também a [Usina Hidrelétrica de Sobradinho](#), uma das principais do país, e o [Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso \(IBGE/2008\)](#).

<sup>13</sup> O rio São Francisco, também chamado de Opará, como era conhecido pelos indígenas antes da [colonização](#), ou popularmente de Velho Chico, nasce na [Serra da Canastra](#), em [Minas Gerais](#), a cerca de 1200 metros de [altitude](#), atravessa a [Bahia](#), fazendo a divisa ao norte com [Pernambuco](#), bem como constituindo a divisa natural dos estados de [Sergipe](#) e [Alagoas](#). Por fim, desagua no [Oceano Atlântico](#), na região [nordeste do Brasil](#).

<sup>14</sup> A fruticultura é uma das principais atividades econômicas do Médio São Francisco baiano. Só em Lapa, a atividade, que tem na produção de banana seu carro-chefe, tem uma produção anual estimada em 117 mil toneladas, entre outras culturas, o que gera um faturamento superior a R\$ 50 milhões. Em 2007, só para a Argentina foram mais de 725 mil quilos de frutas exportadas. Para o leste europeu quase 80 mil quilos de banana comercializados e, no mesmo ano, para outros países da Europa foram vendidos mais de 18 mil quilos da fruta. O Projeto de Irrigação Formoso, da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba), é o principal pólo produtor de frutas do município. O perímetro conta com uma área total de 15 mil hectares, gerando cerca de seis mil empregos diretos. Além dos mais de 800 colonos e produtores de 50 lotes empresariais. A 7ª Frulapa é resultado da parceria entre Codevasf, Sebrae, prefeitura de Bom Jesus da Lapa, Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente, Distrito de Irrigação Formoso e Secretaria de Turismo. (Cf. <http://www.codevasf.gov.br/noticias/2006/bom-jesus-da-lapa-se-prepara-para-a-7a-frulapa>).



O clima da cidade é quente e árido, clima do sertão. O período de chuvas geralmente vai de setembro a março, seguido de uma estiagem de quase seis meses. A cidade, antigamente, tinha caminho estreito para o porto do rio, onde atracavam as barcas<sup>15</sup>.

O povo, que nelas viajava para visitar a gruta do Senhor Bom Jesus, amargava esse caminho. Dizia-se que a Lapa tinha a beira do rio mais feia do vale do São Francisco, além de pernilongos, por isso chegou a ser cantada no ABC<sup>16</sup> do sertão em versos como: "Triste do povo da Lapa se não fosse o Bom Jesus."

A gruta do Bom Jesus mede cinquenta metros de comprimento, 11 de largura e sete metros de altura. O morro da Lapa mede 1821 metros de comprimento, uma média de 93 metros de altura até a base do cruzeiro. A torre da igreja, um monumento fantástico de estilo espanhol, foi iniciativa do Monsenhor Turíbio. Mede 40 metros de altura e seis de largura. Foi levantada com grandes blocos de pedra lavrada. Em seu interior abriga dois sinos de tamanhos diferentes. Considerado santuário religioso, o morro abriga também as grutas de Santa Luzia, de Santo Afonso da Ressurreição, de Belém, dos Santos Mártires, Santa Helena, Nossa Senhora Aparecida, São Geraldo e São Geraldo do Santíssimo Sacramento.

Para onde quer que se olhe, esculturas representando a Via Sacra contrastam com blocos de calcário corroídos pela erosão da água e o resultado é um patrimônio arquitetônico em perfeita harmonia com as imagens instaladas e reverenciadas desde o século XVII em um ambiente que evoca a relação entre natureza, monumento natural e monumento cultural-religioso. Em 1750, a Lapa era um arraial com cinquenta casas feitas de barro com teto de palha. Em 1852, o Arraial do Senhor Bom

---

<sup>15</sup> O rio São Francisco, além da gruta, compõe o conjunto de atrativos turísticos da cidade. Por volta de 1985, existiam as barcas *Santa Maria*, *Pinta* e *Nina*. Da porta da minha casa podíamos vê-las nas águas do São Francisco e, quando as avistávamos, corríamos para a beira do rio. Tinha uma beleza inacreditável, eram enormes e luminosas.

<sup>16</sup> ABC do sertão ou ABC do São Francisco é uma música de autor desconhecido que expressava como era feia e cheia de pernilongos a beira do rio na Lapa.



Jesus tinha 128 casas com 250 habitantes. Em 1874, era distrito de paz e subdelegacia com 405 casas e uma população de 1400 habitantes. Dependia de Urubu, (hoje Paratinga), nos planos civis e religiosos. Foi elevada à categoria de Vila em 18 de setembro de 1890.

### Infraestrutura da cidade

Para que se possa caracterizar uma atividade como turística é preciso haver turistas, viagem, permanência, temporalidade e o objeto do turismo (equipamentos e serviços). Bens turísticos podem ser definidos como tudo que é oferecido ao turista. Podem ser classificados como naturais - rios, cavernas, grutas, paisagens - como os encontrados em Bom Jesus da Lapa ou artificiais, que podem ser divididos em aspectos históricos, culturais, religiosos, em infraestrutura e em vias de acesso.

São atrativos artificiais de caráter histórico, cultural e religioso as festas típicas, lugares históricos, exposições culturais, feiras de artesanatos, exposição agropecuária, leilões, música, dança, comida típica, folclore, esportes, manifestações religiosas.

A infraestrutura de Bom Jesus da Lapa é composta por alimentação, alojamento, entretenimento, agências de turismo, locadoras de veículos, bancos, farmácias e hospitais, delegacias policiais, postos de combustíveis, oficinas mecânicas. O setor alimentação dispõe de restaurantes, lanchonetes e bares. O setor de alojamento inclui hotéis, motéis, pensões, quartos em residências e rancharias. Entretenimento são teatros, estádios de esportes.

As vias de acesso estão subdivididas em aquática (barcos, balsas), terrestre (ônibus, automóveis) e aérea (aviões de carreira e particulares, helicópteros).

Segundo a síntese elaborada por Tabares (1998, p.15):

o produto turístico é formado pelo conjunto de bens e serviços que o mercado oferece - para conforto material ou espiritual - na forma individual ou em uma gama ampla de combinações



resultantes das necessidades, ambições ou desejos do consumidor ao qual chamamos de turista.

A infraestrutura de Bom Jesus da Lapa ainda é precária. A pesquisadora visitou a rancharia de um grupo de romeiro que veio da cidade de Santa Rita de Cássia, na Bahia. Eram dois ônibus para a mesma rancharia<sup>17</sup> e, no local, havia apenas um banheiro com chuveiro e um único fogão de quatro bocas. As pessoas se acomodavam nos colchonetes que trouxeram, nas salas, cozinha, quartos e até mesmo no quintal (sem cobertura), isso independente de sexo, idade e cor. O fato se repetiu com romeiros que vieram no pau-de-arara da cidade de Ituberá (BA) e que há 31 anos visitam a cidade: a estrutura da rancharia estava nas mesmas condições, com um agravante: quando eles chegaram ao local não havia água, pois um caminhão havia passado em cima da calçada e quebrado o cano que a abastecia.

Sobre estas condições de acomodação, os coordenadores dessa romaria (Gileno e Sônia Martins) afirmam que

não vemos isso como um empecilho, antigamente antes de chegar à cidade nos parávamos à beira da estrada para pegar lenha para fazer fogueira e cozinhar os alimentos, hoje graças ao Bom Jesus eles agora colocam um fogãozinho para nós. Antigamente nós demorávamos três dias de Ituberá para chegar aqui. Hoje é um dia e meio. A viagem era muito sofrida e as estradas eram de barro. Isso é uma peregrinação que já habituamos a fazer. Lapa é lugar sagrado. O motivo de nossa vinda é única e exclusivamente para a festa do Bom Jesus. Quem bebe água da Lapa não quer deixar de beber mais.

Os alojamentos são insuficientes. No setor de alimentação, em alguns estabelecimentos, é necessário pegar duas filas enormes: uma para fazer o prato e outra para pagar. O número de funcionários é precário e sem treinamento. A qualidade da comida não é das melhores, pede-se uma porção de batata frita, vem uma porção de batata ao óleo.

Na praça Marechal Deodoro da Fonseca, onde tudo acontece, não se encontra uma lata de lixo. O visitante tem de percorrer toda a praça

---

<sup>17</sup> Acomodação em que um grupo de pessoas reúne-se para determinado fim, especialmente em jornada; rancho de peregrinos.

## **Turismo religioso: fé, consumo e mercado**

*Cristiane Menezes Ribeiro*



para se desfazer do lixo ou voltar para a hospedaria com o lixo na mão porque, no trajeto, não se encontra sequer uma lata de lixo. Como resultado, encontra-se amontoados de lixo nas esquinas da capital baiana da fé; inconveniente que, com certeza, limita a fruição do turismo, sobretudo para o turista educado.

O trânsito caótico é a primeira dificuldade que se pode detectar assim que se chega à cidade. Automovéis, motos, bicicletas, carroças, vans se misturam. Não há sinalização em lugar nenhum na cidade. Não há faixa de pedestre e chama a atenção a quantidade de acidentes na cidade. Para dirigir em Bom Jesus da Lapa é preciso fé. Segundo o secretário de Turismo, Sócrates de Almeida Rocha, já existia um projeto para sanar esse problema.

Outra dificuldade são as ruas muito estreitas e as calçadas tomadas por barracas. Voltar do Santuário de carro é difícil. A melhor opção é andar a pé. A cidade não dispõe de sanitários públicos. O sanitário para as mulheres pertence ao Santuário. O serviço de segurança e coleta de lixo é precário. Outra dificuldade, esta previsível, é o grande movimento urbano no período da romaria. Há ônibus de pedintes e de ladrões, que saem das cidades de Feira de Santana, Vitória da Conquista e Juazeiro. Tem gente que já vem sabendo que precisa dar esmola, então separam uma parte para o Bom Jesus, outra parte para as esmolas e outra para comprar as lembranças para os familiares e amigos. Como disse o Padre Casemiro:

A estrutura da cidade causa certa dificuldade, pois o fluxo de pessoas é muito grande. Hoje em Bom Jesus da Lapa não temos mais tempo de romaria, hoje é lugar de romaria. A cidade vive da romaria e em função da romaria. E difícil lidar com grande massa e preservar a natureza. Se quiser fazer diferente eles gritam logo, justificando: "minha avó fazia assim."



Outro aspecto que choca o turista a caminho do Santuário e deparar-se com uma favela comercial, expressão usada pela Bahiatursa.<sup>18</sup> A tal favela comercial danificou completamente a paisagem do morro. A administração da cidade destinou um local para que os comerciantes saíssem dali; no entanto, eles insistem em ficar, o que é agravado pelo fato de a cidade não ter plano diretor para a organização do comércio.

O romeiro é diferenciado: eles usam chapéu de palha revestido de tecido branco, a cor mais comum, que simboliza a esperança, e fitas coloridas. Algo singular e criativo que se pode observar na cidade é que boa parte dos telefones públicos são em forma de chapéu nas cores branca e verde.

É bíblico falar que “sem fé é impossível agradar a Deus”. A fé que remove montanhas, que encara o medo e as dificuldades, pois maior é a alegria e a gratidão de poder estar de joelhos aos pés do Bom Jesus e agradecer as graças alcançadas ou que ainda se vai alcançar. O romeiro traz na mala o coração arrependido por haver ofendido a Deus e uma declaração em forma de reza pura que nasce naturalmente. De joelhos junto ao altar do Bom Jesus, pode-se escutá-lo pronunciando sua oração, pedindo e agradecendo em meio a muitas lágrimas e pagando as promessas, renovando, deixando ex-votos, com fotos, cartas, velas, punhado de cabelo, roupas, etc. É uma maneira de dizer a Deus um muito obrigado por se lembrar desse ser tão infeliz, miserável e massacrado pela vida, que é o homem do sertão baiano.

A festa, que começa dia 28 de julho e vai até o dia 6 de agosto, termina com a procissão. Ispedito Nunes diz:

Na época da romaria a cidade fica um clima diferente, gostoso. Vejo com respeito à palavra fé. É uma particularidade do brasileiro. Todo ano o andor que carrega o Bom Jesus é diferente. Começa às 17hs e faz um percurso de 3 km. Programação que é toda feita pela Igreja Católica.

---

<sup>18</sup> A Bahiatursa – Empresa de Turismo da Bahia S/A - é uma empresa de economia mista vinculada à Secretaria de Turismo, sendo responsável pela divulgação e promoção turística da Bahia, no Brasil e no exterior.



O andor é feito com duas a três mil flores e, quando termina a procissão, as flores são distribuídas aos romeiros, que as consideram abençoadas: 483,82 metros, PIB R\$ 215.029 mil, segundo dados do IBGE. Suas atividades econômicas estão baseadas na agricultura, na pesca e no turismo.

O clima da cidade é quente e árido, clima do sertão. O período de chuvas geralmente vai de setembro a março, seguido de uma estiagem de quase seis meses. A cidade, antigamente, tinha caminho estreito para o porto do rio, onde atracavam as barcas<sup>19</sup>.

O povo, que nelas viajava para visitar a gruta do Senhor Bom Jesus, amargava esse caminho. Dizia-se que a Lapa tinha a beira do rio mais feia do vale do São Francisco, além de pernilongos, por isso chegou a ser cantada no ABC<sup>20</sup> do sertão em versos como: "Triste do povo da Lapa se não fosse o Bom Jesus."

A gruta do Bom Jesus mede cinquenta metros de comprimento, 11 de largura e sete metros de altura. O morro da Lapa mede 1821 metros de comprimento, uma média de 93 metros de altura até a base do cruzeiro. A torre da igreja, um monumento fantástico de estilo espanhol, foi iniciativa do Monsenhor Turíbio. Mede 40 metros de altura e seis de largura. Foi levantada com grandes blocos de pedra lavrada. Em seu interior abriga dois sinos de tamanhos diferentes. Considerado santuário religioso, o morro abriga também as grutas de Santa Luzia, de Santo Afonso da Ressurreição, de Belém, dos Santos Mártires, Santa Helena, Nossa Senhora Aparecida, São Geraldo e São Geraldo do Santíssimo Sacramento.

Para onde quer que se olhe, esculturas representando a Via Sacra contrastam com blocos de calcário corroídos pela erosão da água e o

---

<sup>19</sup> O rio São Francisco, além da gruta, compõe o conjunto de atrativos turísticos da cidade. Por volta de 1985, existiam as barcas *Santa Maria*, *Pinta* e *Nina*. Da porta da minha casa podíamos vê-las nas águas do São Francisco e, quando as avistávamos, corríamos para a beira do rio. Tinha uma beleza inacreditável, eram enormes e luminosas.

<sup>20</sup> ABC do sertão ou ABC do São Francisco é uma música de autor desconhecido que expressava como era feia e cheia de pernilongos a beira do rio na Lapa.



resultado é um patrimônio arquitetônico em perfeita harmonia com as imagens instaladas e reverenciadas desde o século XVII em um ambiente que evoca a relação entre natureza, monumento natural e monumento cultural-religioso. Em 1750, a Lapa era um arraial com cinquenta casas feitas de barro com teto de palha. Em 1852, o Arraial do Senhor Bom Jesus tinha 128 casas com 250 habitantes. Em 1874, era distrito de paz e subdelegacia com 405 casas e uma população de 1400 habitantes. Dependia de Urubu, (hoje Paratinga), nos planos civis e religiosos. Foi elevada à categoria de Vila em 18 de setembro de 1890.

### infraestrutura da cidade

Para que se possa caracterizar uma atividade como turística é preciso haver turistas, viagem, permanência, temporalidade e o objeto do turismo (equipamentos e serviços). Bens turísticos podem ser definidos como tudo que é oferecido ao turista. Podem ser classificados como naturais - rios, cavernas, grutas, paisagens – como os encontrados em Bom Jesus da Lapa ou artificiais, que podem ser divididos em aspectos históricos, culturais, religiosos, em infraestrutura e em vias de acesso.

São atrativos artificiais de caráter histórico, cultural e religioso as festas típicas, lugares históricos, exposições culturais, feiras de artesanatos, exposição agropecuária, leilões, música, dança, comida típica, folclore, esportes, manifestações religiosas.

A infraestrutura de Bom Jesus da Lapa é composta por alimentação, alojamento, entretenimento, agências de turismo, locadoras de veículos, bancos, farmácias e hospitais, delegacias policiais, postos de combustíveis, oficinas mecânicas. O setor alimentação dispõe de restaurantes, lanchonetes e bares. O setor de alojamento inclui hotéis, motéis, pensões, quartos em residências e rancharias. Entretenimento são teatros, estádios de esportes.



As vias de acesso estão subdivididas em aquática (barcos, balsas), terrestre (ônibus, automóveis) e aérea (aviões de carreira e particulares, helicópteros).

Segundo a síntese elaborada por Tabares (1998, p.15):

o produto turístico é formado pelo conjunto de bens e serviços que o mercado oferece – para conforto material ou espiritual – na forma individual ou em uma gama ampla de combinações resultantes das necessidades, ambições ou desejos do consumidor ao qual chamamos de turista.

A infraestrutura de Bom Jesus da Lapa ainda é precária. A pesquisadora visitou a rancharia de um grupo de romeiro que veio da cidade de Santa Rita de Cássia, na Bahia. Eram dois ônibus para a mesma rancharia<sup>21</sup> e, no local, havia apenas um banheiro com chuveiro e um único fogão de quatro bocas. As pessoas se acomodavam nos colchonetes que trouxeram, nas salas, cozinha, quartos e até mesmo no quintal (sem cobertura), isso independente de sexo, idade e cor. O fato se repetiu com romeiros que vieram no pau-de-arara da cidade de Ituberá (BA) e que há 31 anos visitam a cidade: a estrutura da rancharia estava nas mesmas condições, com um agravante: quando eles chegaram ao local não havia água, pois um caminhão havia passado em cima da calçada e quebrado o cano que a abastecia.

Sobre estas condições de acomodação, os coordenadores dessa romaria (Gileno e Sônia Martins) afirmam que

não vemos isso como um empecilho, antigamente antes de chegar à cidade nos parávamos à beira da estrada para pegar lenha para fazer fogueira e cozinhar os alimentos, hoje graças ao Bom Jesus eles agora colocam um fogãozinho para nós. Antigamente nós demorávamos três dias de Ituberá para chegar aqui. Hoje é um dia e meio. A viagem era muito sofrida e as estradas eram de barro. Isso é uma peregrinação que já habituamos a fazer. Lapa é lugar sagrado. O motivo de nossa vinda é única e exclusivamente para a festa do Bom Jesus. Quem bebe água da Lapa não quer deixar de beber mais.

Os alojamentos são insuficientes. No setor de alimentação, em alguns estabelecimentos, é necessário pegar duas filas enormes: uma

---

<sup>21</sup> Acomodação em que um grupo de pessoas reúne-se para determinado fim, especialmente em jornada; rancho de peregrinos.



para fazer o prato e outra para pagar. O número de funcionários é precário e sem treinamento. A qualidade da comida não é das melhores, pede-se uma porção de batata frita, vem uma porção de batata ao óleo.

Na praça Marechal Deodoro da Fonseca, onde tudo acontece, não se encontra uma lata de lixo. O visitante tem de percorrer toda a praça para se desfazer do lixo ou voltar para a hospedaria com o lixo na mão porque, no trajeto, não se encontra sequer uma lata de lixo. Como resultado, encontra-se amontoados de lixo nas esquinas da capital baiana da fé; inconveniente que, com certeza, limita a fruição do turismo, sobretudo para o turista educado.

O trânsito caótico é a primeira dificuldade que se pode detectar assim que se chega à cidade. Automovéis, motos, bicicletas, carroças, vans se misturam. Não há sinalização em lugar nenhum na cidade. Não há faixa de pedestre e chama a atenção a quantidade de acidentes na cidade. Para dirigir em Bom Jesus da Lapa é preciso fé. Segundo o secretário de Turismo, Sócrates de Almeida Rocha, já existia um projeto para sanar esse problema.

Outra dificuldade são as ruas muito estreitas e as calçadas tomadas por barracas. Voltar do Santuário de carro é difícil. A melhor opção é andar a pé. A cidade não dispõe de sanitários públicos. O sanitário para as mulheres pertence ao Santuário. O serviço de segurança e coleta de lixo é precário. Outra dificuldade, esta previsível, é o grande movimento urbano no período da romaria. Há ônibus de pedintes e de ladrões, que saem das cidades de Feira de Santana, Vitória da Conquista e Juazeiro. Tem gente que já vem sabendo que precisa dar esmola, então separam uma parte para o Bom Jesus, outra parte para as esmolas e outra para comprar as lembranças para os familiares e amigos. Como disse o Padre Casemiro:

A estrutura da cidade causa certa dificuldade, pois o fluxo de pessoas é muito grande. Hoje em Bom Jesus da Lapa não temos mais tempo de romaria, hoje é lugar de romaria. A cidade vive da romaria e em função da romaria. E difícil lidar com grande massa e



preservar a natureza. Se quiser fazer diferente eles gritam logo, justificando: "minha avó fazia assim."

Outro aspecto que choca o turista a caminho do Santuário e deparar-se com uma favela comercial, expressão usada pela Bahiatursa.<sup>22</sup> A tal favela comercial danificou completamente a paisagem do morro. A administração da cidade destinou um local para que os comerciantes saíssem dali; no entanto, eles insistem em ficar, o que é agravado pelo fato de a cidade não ter plano diretor para a organização do comércio.

O romeiro é diferenciado: eles usam chapéu de palha revestido de tecido branco, a cor mais comum, que simboliza a esperança, e fitas coloridas. Algo singular e criativo que se pode observar na cidade é que boa parte dos telefones públicos são em forma de chapéu nas cores branca e verde.

É bíblico falar que "sem fé é impossível agradar a Deus". A fé que remove montanhas, que encara o medo e as dificuldades, pois maior é a alegria e a gratidão de poder estar de joelhos aos pés do Bom Jesus e agradecer as graças alcançadas ou que ainda se vai alcançar. O romeiro traz na mala o coração arrependido por haver ofendido a Deus e uma declaração em forma de reza pura que nasce naturalmente. De joelhos junto ao altar do Bom Jesus, pode-se escutá-lo pronunciando sua oração, pedindo e agradecendo em meio a muitas lágrimas e pagando as promessas, renovando, deixando ex-votos, com fotos, cartas, velas, punhado de cabelo, roupas, etc. É uma maneira de dizer a Deus um muito obrigado por se lembrar desse ser tão infeliz, miserável e massacrado pela vida, que é o homem do sertão baiano.

A festa, que começa dia 28 de julho e vai até o dia 6 de agosto, termina com a procissão. Ispedito Nunes diz:

Na época da romaria a cidade fica um clima diferente, gostoso. Vejo com respeito à palavra fé. É uma particularidade do brasileiro. Todo ano o andor que carrega o Bom Jesus é diferente. Começa às 17hs e faz um percurso de 3 km. Programação que é toda feita pela Igreja Católica.

---

<sup>22</sup> A Bahiatursa – Empresa de Turismo da Bahia S/A - é uma empresa de economia mista vinculada à Secretaria de Turismo, sendo responsável pela divulgação e promoção turística da Bahia, no Brasil e no exterior.



O andor é feito com duas a três mil flores e, quando termina a procissão, as flores são distribuídas aos romeiros, que as consideram abençoadas.

### Considerações Finais

O turismo religioso no Santuário de Bom Jesus da Lapa, bem como em outros santuários, ainda carece de investimentos e de estudos econômicos, administrativos, antropológicos, em suma, de estudos sobre a sustentabilidade e o desenvolvimento dessa atividade. Hoje as principais dificuldades encontradas em Bom Jesus da Lapa são: estradas de acesso a cidade em más condições, falta de trânsito, ruas extremamente estreitas, calçadas tomadas por barracas no período da romaria, falta de sanitários públicos, serviço de segurança e coleta de lixo, grande movimento urbano no período da romaria (a cidade não tem estrutura para a quantidade de visitantes (romeiro), invasão da favela comercial na Praça da Bandeira e invasão de ônibus de pedintes e ladrões, que saem das cidades de Feira de Santana, Vitória da Conquista e Juazeiro.

Apesar da cidade de Bom Jesus da Lapa concentrar a segunda maior festa religiosa católica do Brasil e receber visitantes dos 17 estados, falta boa vontade política e clareza administrativa para desenvolver e sustentar com responsabilidade o turismo. Responsabilidade do poder público – prefeitura e estado. Responsabilidade do mercado local – iniciativa privada. Responsabilidade também da sociedade civil local.

Que esse artigo seja usado como levantamento para que os órgãos públicos usem como construção de políticas públicas, que fomentem o turismo na região, mas que permita potencializar o turismo atendendo demanda já existente advinda das carências.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Antonio. *Bom Jesus da Lapa: antes do Monsenhor Turíbio, no tempo de Monsenhor Turíbio, depois de Monsenhor Turíbio*. Rio de Janeiro: Jotanesi, 1995.

CARVALHO, Luis Carlos Pereira de; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. *Introdução à economia do turismo*. São Paulo: Saraiva, 2006.

CEZAR, Leonor Magalhães. *Momentos Históricos*. Bom Jesus da Lapa: Ed. Autor, 2006.

DIAS, Reinaldo. *Turismo Religioso: ensaios e reflexões*. Ed. Alínea, 2003.

LEMONS. Leandro de. *Turismo: que negócio é esse?: Uma análise da economia do turismo*. São Paulo: Papirus, 2001.

MAGALHAES, Zenilda. *A Lapa do Bom Jesus, o povo e o santuário na capital baiana da fé*. Bom Jesus da Lapa: Ed. Autor, 2000.

MICEK, Francisco Pe. *O primeiro peregrino da Lapa*. Ed. Brasil-América, 1995.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1996.

[Estimativas da população para 1º de julho de 2008 \(PDF\)](#). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em [www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/estimativa2008/](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/estimativa2008/) Acesso em 5 de setembro de 2008.